

Capítulo 3

Universo de leituras

Em 1791, quando foi publicado anonimamente o primeiro livro de Sade, intitulado *Justine, ou les Malheurs de la vertu*, a maior parte de seus esboços de textos ficcionais (romances, contos, historietas etc.) já estava escrita. Entre 1775 e 1779, encarcerado em Vincennes, ele havia se empenhado na redação de um romance epistolar, composto de três longas cartas, que visava apresentar ao destinatário um panorama amplo, descritivo e crítico da Itália.¹ Entre 1787 e 1788, esboçou aproximadamente 56 textos, entre contos, novelas e historietas, que visavam a composição de um *Portefeuille d'un homme de lettres*, assim como compunham sua identidade de *Boccage français*.² Desse montante, seriam retirados os materiais que terminaram dando origem ao primeiro romance sobre *Justine*, publicado em 1791, como desenvolvimento da novela *les Infortunes de la vertu*,³ e um livro de novelas precedidas por um ensaio sobre a ideia de romance, publicado em 1800 com o título *Les crimes de l'amour*. Também *Aline et*

¹ Trata-se de um texto inacabado e que somente veio a ser publicado no século XX; em 1995, foi publicado pela editora Fayard (Paris) com revisão e introdução de Maurice Lever. Cf. FERREIRA, D. W. Le voyage d'Italie ou Sade em novas paisagens. *Kalagatos: revista de filosofia (UECE)*, p. 33-56.

² Cf. LE BRUN, Annie, PAUVERT, Jean-Jacques. Notice bibliographique. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome II, p.09-18.

³ O romance sobre *Justine* de 1791 também foi desdobrado posteriormente em dois outros romances. Cf. p.22, nota 2.

Valcour, publicado em 1795, foi escrito nesse fim da década de 1780, quando ele esteve encarcerado na Bastilha.

Apesar dessa intensa produção anterior a 1791, uma discussão sobre o pensamento de Donatien de Sade não pode desconsiderar as turbulências sociais e políticas revolucionárias. Os eventos posteriores a 1789, com destaque para a morte do rei Luis XVI, em 21 de janeiro de 1792, e a experiência do Terror, entre junho de 1792 e julho de 1793, impactaram-no significativamente e obrigaram-no a uma postura de reposicionamento e reavaliação de suas ideias e alinhamentos políticos. Provavelmente, sem esses eventos da década de 1790, alguns de seus livros não teriam sido publicados e outros textos dificilmente haveriam de ser escritos, como é o caso de *La philosophie dans le boudoir*, publicado praticamente ao mesmo tempo que *Aline et Valcour*, em 1795, e que apresenta considerável destaque à reflexão de um certo tipo de republicanismo.

Assim, o delineamento do perfil intelectual de Donatien de Sade e do processo de composição de suas ideias deve comportar uma análise biográfica. De igual maneira, sendo necessário entender suas escolhas de leituras e de pensadores com os quais ele se dispôs dialogar, os inventários contendo informações sobre o acervo disponível em suas bibliotecas constituem-se essenciais para a avaliação dessa trajetória. Contudo, deter-se nesses dados é um equívoco. As práticas de leitura são operações em que os sujeitos têm participação ativa na produção de significado. Apesar da existência de sentidos sociais compartilhados a respeito de determinados textos, os leitores também constituem com o texto uma rede

específica de significados que lhes servem na tessitura de suas ideias.⁴ Por isso, a compreensão do perfil intelectual e do pensamento de Sade deve comportar também um estudo sobre as formas como ele leu determinados autores e temas.

1.

Donatien-Alphonse-François de Sade nasceu no dia 2 de junho de 1740 em Paris, no Hôtel de Condé, sendo educado por sua mãe até 1745 ou começo de 1746, quando seu pai entregou-lhe a seu tio Jacques François de Sade, que era abade em Saint-Léger d'Ébreuil, em Auvergne.⁵

O abade de Sade, além de ter formação teológica e filosófica, mantinha relações de amizade com vários intelectuais franceses, dentre os quais se destacavam Voltaire e Mme du Chatêlet. Era discreto (ou pelo menos esse traço foi acentuado em sua biografia⁶) em suas práticas de libertinagem e revelava um interesse pessoal pelo estudo de pensadores clássicos como Malherbe, Boileau, La

⁴ A discussão sobre as formas como os leitores constroem o sentido dos textos ganhou importante destaque nos debates intelectuais nas últimas décadas, compondo um campo de estudo de estética da recepção. Cf. LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Para o pensamento historiográfico, como já discutimos, a leitura de autores como Michel de Certeau e Pierre Bourdieu permitiram a composição do conceito de apropriação. Cf. p.102.

⁵ Salvo indicações especificadas, os dados biográficos de Donatien de Sade foram retirados das biografias de Lely e Lever. Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.33 et seq.; LEVER, D. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p. 47 et seq.

⁶ Num dicionário preocupado em registrar biografias segundo os critérios de importância intelectual, social, talento, virtude ou crime (incluindo nisso o vício), a timidez em apresentar a vida amorosa e dúbia do abade Jacques de Sade, que manteve um caso amoroso com Mme La Pouplinière. delimita a possibilidade de citá-lo na enciclopédia por sua importância intelectual. Nesse sentido, o Michaud ameniza o vício como forma de destacar as virtudes. Cf. MICHAUD, J. Fr., MICHAUD, L. G. SADE, Jacques-François-Paul-Alfonse De (verbete). *Biographie universelle, ancienne et moderne, ou, Histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privé de tous les hommes qui se sont faits remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes*, 1822, tome 39, p.470-472. Com estratégia semelhante e diametralmente oposta, a biografia de Donatien de Sade traz uma sequência de vícios e crimes, sendo a relação de tutoria mantida com seu tio, o abade Jacques de Sade, minimizada em importância. Cf. SADE, Donatien-Alfonse-François, marquis, ou plutôt comte De (verbete). *Ibidem.*, p.472.

Fontaine e outros, bem como dos novos debates propostos por Locke, Hobbes, Bayle, Rousseau, Montesquieu, abade Prévost etc.⁷

Durante os dois primeiros anos em que o abade de Sade tutelou seu sobrinho, dividiu essa responsabilidade educacional com as obrigações religiosas em Auvergne. Em 1748, ele se retirou para seu castelo em Saumane e passou a dedicar-se principalmente aos estudos relacionados à vida e à obra de Petrarca, provavelmente motivado pelo amor do poeta por sua ancestral Laure.⁸

Em 1750, o Conde de Sade transferiu a tutela da educação do filho para os jesuítas do Colégio Luís, o Grande (*Collège Louis-le-Grand*), em Paris. Segundo Gilbert Lely, a expulsão dos jesuítas da França, em 1762, resultou em perda de parte da documentação do colégio, inclusive das pastas com informações sobre a vida escolar dos alunos. Assim, pouco se sabe sobre a vida escolar de Donatien de Sade, embora a documentação residual permita entender a organização diária do tempo dos alunos, dividida por uma alternância entre horários de devoção religiosa, estudo e recreação, que se estende das cinco e meia da manhã até as nove da noite. O calendário de eventos artísticos acontecidos na escola entre 1750 e 1753 mostra também uma preocupação com as artes, tendo sido realizados pelo menos dois espetáculos por ano nesse período, sendo que em 1751 chegou-se a um montante de cinco apresentações: duas comédias, uma pastoral em música, uma tragédia e um balé.⁹

⁷ Trata-se de livros apresentados por Lever como pertencentes à biblioteca do abade de Sade. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.65.

⁸ Esses estudos resultaram na escritura de um livro intitulado *Mémoires pour la vie de François Pétrarque*, publicado em três tomos, entre 1764 e 1767. Cf. MICHAUD, J. Fr., MICHAUD, L. G. SADE, Jacques-François-Paul-Alfonse De (verbete). *Biographie universelle, ancienne et moderne, ou, Histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privé de tous les hommes qui se sont faits remarquer par leurs écrits, leus actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes*, 1822, tome 39, p.470-472.

⁹ Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.39-41.

Desses primeiros quatorze anos da vida de Donatien de Sade, parece consensual a ideia de que foram regidos segundo um interesse familiar de fornecer ao filho cuidadosa formação intelectual. Como não restam registros diretamente relacionados à educação do jovem Sade, as poucas informações sobre a vida de seu tio (o que inclui o inventário de sua biblioteca em Saumane) e sobre a história e atividades do Colégio Luís, o Grande terminaram por se constituir nos indícios do interesse inicial de Donatien de Sade pela libertinagem e pelo teatro. Contudo, a despeito do atento trabalho dos biógrafos, acreditamos que foi o desenrolar da vida de Donatien de Sade em período posterior a 1754 que precisou a vida libertina e o interesse do tio pelos estudos, bem como dos espetáculos teatrais do Luís, o Grande como essenciais para o caráter em formação do jovem Sade. Mesmo que a libertinagem, o interesse pela leitura, a importância atribuída ao tio durante a fase adulta de Sade e artes dramáticas tenham sido despertados nesses primeiros quatorze anos, entendemos que os indícios são frágeis para que sejam sustentados argumentos seguros de uma definição de gostos. Fazer isso resultaria no esclarecimento do passado pelo futuro, numa desconsideração de outras alternativas que poderiam ter conduzido Sade em suas escolhas.

O período posterior a 1754 é mais significativo por ser marcado pela inserção progressiva de Donatien de Sade no mundo adulto. O Conde de Sade gozava de certo prestígio naquele momento e, usando dos favores que lhe estavam disponíveis, tratou de encaminhar o filho para um posto capaz de corresponder aos investimentos já efetivados pela família na educação do rapaz. Obteve para ele uma vaga na Escola preparatória de cavalaria, importante instituição fundada em 1741 por De Bongars e anexada em 1751 ao regimento de cavalaria da guarda real (*régiment des chevau-légers de la garde du roi*), em guarnição em Versalhes, e,

com isso, garantiu ao jovem uma formação militar que lhe serviria também como fonte de renda.

Entre a idade de quatorze e dezoito anos, Donatien de Sade manteve-se sob treinamento militar, sendo enviado, em 1758, em tropas especiais para a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Porém, tanto ascendeu na carreira militar quanto deu início a uma trajetória de escândalos. Em 1758, ele se envolveu em uma comemoração pela vitória do Duque de Broglie na Batalha de Sondershausen que quase resultou no incêndio da cidade onde ele estava aquartelado. Em abril de 1751, em carta endereçada ao seu tio, ele confessou seus excessos em sua estada em Paris, afirmando arrependimento. Porém, posteriormente voltou a envolver-se com os salões de jogos, o submundo do teatro e as casas de prostituição.¹⁰

A expectativa da família De Sade ao investir na educação de Donatien relacionava-se principalmente com a ambição paterna de estreitar as relações de sociabilidade e status na Corte. Essa linhagem, uma das mais antigas do Reino de França,¹¹ manteve-se vivendo na Província, sendo Jean-Baptiste-Joseph-François, o Conde de Sade, o primeiro a sair das terras familiares, situadas mais ao sul da França, em região próxima a Avignon, para habitar em Paris. Suas escolhas de vida pautaram-se por um esforço reafirmar o status dessa linhagem nobiliária a qual pertencia pela aproximação da Corte. A conquista do posto de Capitão dos Dragões no Regimento de Condé e a indicação para servir como embaixador na Rússia em 1730 corresponderam a conquistas iniciais de uma carreira que findou com obtenção do título de Marechal de Campo das Armas do Rei, em 1760.

¹⁰ Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.44 et seq.

¹¹ A origem da família De Sade está repleta de lendas: para César de Nostredame, filho do renomado profeta, a ascendência dessa família seria Báltica; já a tradição popular atribui ao símbolo da família vínculos com a estrela de Baltazar, um dos reis magos. Os primeiros documentos de registro do nome da família datam do século XII. No século XIV, a família alcançou estatuto de nobreza, vencendo a condição burguesa, em virtude do modelo italiano presente nas regiões mais próximas ao Mediterrâneo. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.13-15.

Contudo, o encaminhamento dado ao filho, que gozou de vários privilégios de inserção nos círculos elevados da Corte, tornou-se progressivamente ameaçador à estabilidade do nome da linhagem. A independência obtida por Donatien, o Marquês de Sade, conduziu-o a outras escolhas, diversas daquelas feitas por seu pai. Jovem e razoavelmente independente — com a entrada na Escola preparatória de cavalaria sua pensão aumentou consideravelmente¹² —, ele se aproximou da vida cultural e da boemia parisiense.

Paris, no século XVIII, ocupava um lugar de destaque na vida cultural europeia. Para o provinciano e o camponês, a chegada na cidade traduzia-se em impressão de descoberta de um novo mundo, marcada pelo barulho da rua. Embora Paris fosse vista com uma grandeza e suntuosidade que contrastava com a miséria social, que resultava em alienação material e moral da maioria dos parisienses, frequentemente era descrita de maneira carinhosa.¹³

O espanto diante do crescimento da vida cultural da cidade era, também, um traço acentuado ao longo do século. A morte de Luís XIV em 1715 e o hábito de Luís XV em residir boa parte do ano em Paris permitiram a transferência definitiva do centro cultural francês de Versalhes para lá. O resultado foi uma explosão de vida mundana parisiense, que traduziu, na década de 1750, em tamanho crescimento das companhias de teatro de rua que as levou a pressionar o Estado pela quebra do monopólio do teatro. Além disso, a partir das décadas de 1770, os espetáculos tornaram-se bastante numerosos e o público, cada vez mais

¹² O Marquês de Sade passou a perceber o montante de 3000 libras por ano com essa inserção inicial na Escola de cavalaria. Embora não saibamos avaliar essa quantia, Lever adverte que se trata de um dos corpos mais aristocráticos do exército francês. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.81.

¹³ Cf. ROCHE, D. *Le peuple de Paris*, p.19 et seq.

exigente, demandava novas produções e melhores espaços, o que resultou em reformas em praticamente todos os espaços de teatro da cidade.¹⁴

Tudo isso que era encantador a Donatien de Sade, não representava uma ameaça ao andamento do projeto pessoal de seu pai em sua chegada a Paris. Embora o Conde de Sade tivesse mantido ativa vida intelectual, fizera-se diletante, numa postura conveniente a sua origem nobre. Além disso, tratou de evitar escândalos públicos de qualquer natureza e cuidou de aconselhar o filho na condução de sua vida. Essa demonstração de respeito e cumprimento de suas obrigações de nobreza manifestou-se por fim no arranjo de um matrimônio para o filho. A esperança era de obter ganhos financeiros com um dote razoável, capaz de incrementar a renda familiar, e moralizar pelo casamento o jovem Donatien.

Novamente, os esforços paternos foram frustrados, pois o casamento ocorrido em maio de 1763 não veio a ser empecilho para que Donatien de Sade tivesse envolvimento libertino e escandaloso com Jeanne Testard em outubro do mesmo ano. Em 1768, pouco depois da morte do pai ocorrida em 1767, outro envolvimento em prática libertina marcaria sua imagem junto ao judiciário, só que dessa vez o fato agravou pela repercussão negativa junto à opinião pública.¹⁵ A partir daí ficavam claras as opções de Sade por uma vida libertina, bem como os constantes encarceramentos decorrentes dessa postura.

Em abril de 1768, foi encarcerado no Castelo de Saumur e conduzido à Fortaleza de Pierre-Encise, perto de Lyon, de onde foi liberado no dia 10 de junho do mesmo ano. Em 4 de julho de 1772, decretou-se novo encarceramento em decorrência de outro escândalo libertino, feito em parceria com seu valete de

¹⁴ Cf. WEBER, W. *L'institution et son public. L'Opéra à Paris et à Londres au XVIII^e siècle, Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, p.1519-1539 ; PAUL-MARCETTEAU, Agnès, *Les auteurs du théâtre de la foire à Paris au XVIII^e siècle, Bibliothèque de l'École des Chartes*, p. 307-335.

¹⁵ Cf. cap. 2, p.82 et seq.

companhia. A prisão só veio a acontecer no dia 8 de dezembro, quando eles foram detidos em Chambéry. No dia seguinte, aconteceu a transferência para o Castelo de Miolans, de onde ele fugiria em 1 de maio de 1773. Em fevereiro de 1777, Donatien de Sade foi recapturado em Paris, sendo então conduzido a Vincennes, onde ficou até junho de 1778, quando obteve dispensa legal para ir à Aix. Essa viagem justificava-se pela necessidade do prisioneiro de resolver pendências decorrentes de sua perda no processo de 1772 e da condenação à morte e execução da sentença em efígie no mesmo ano, dado que ele escapara da polícia. Contudo, apesar de poder ausentar-se por um tempo, Sade tornou novamente à condição de fugitivo, por não se reapresentar no prazo previsto em Vincennes. Terminou preso em Paris e, em 29 de janeiro de 1784, foi transferido para a Bastilha, onde ficou até 4 de julho de 1789, quando foi conduzido a Charenton. Em 2 de abril do mesmo ano, em decorrência dos acontecimentos revolucionários que sucederam ao 14 de julho, Donatien de Sade acabou liberto, porém retornou à situação de encarcerado em dezembro de 1793, após ocupar cargo público na seção de Piques. Sua detenção aconteceu primeiro em Madelonnette e depois em Saint-Lazare, tornada casa de correção. Passado pouco mais de um ano, ele foi novamente posto em liberdade. Em 1801, contudo, foi reconduzido à condição de encarcerado, em Sainte-Pélagie. De março desse ano até sua morte em 1814, ficou detido, primeiro em Bicêtre e por fim em Charenton, onde exerceu com alguma liberdade o papel de dramaturgo e diretor de peças teatrais representadas, em sua maioria, por doentes mentais.¹⁶

Um balanço da vida de Donatien de Sade desde a entrada no mundo adulto revela um crescente aprofundamento da vida libertina e, contrário a isso, os

¹⁶ Os dados dessa trajetória de encarceramentos são rapidamente localizáveis em Lely, já que ele divide seus capítulos por uma cronologia precisa, dentro da qual desenvolve a biografia.

esforços familiares por conter a publicidade de seus escândalos e a dissipação dos bens. Ambos os aspectos estão intrinsecamente relacionados com as esferas de sociabilidade do Antigo Regime, já que uma parcela dos encarceramentos de Sade decorreu dos pedidos feitos por sua sogra para aprisioná-lo e, com isso, proteger a honra e os dividendos da família. Segundo Arlette Farge e Michel Foucault, recorrer ao rei como autoridade interventora na família era uma possibilidade para os grupos nobres e populares. Em caso de violência familiar, de abandonos frequentes do cônjuge e filhos, ou ainda práticas desonrosas para a família (por exemplo, o endividamento e perda de bens em decorrência do vício do jogo ou da prostituição), acionava-se a esfera pública, sendo demandado ao rei invadir os recantos da vida privada para resguardar a família e a honra.¹⁷ Nesse caso, a posição ocupada pela justiça era de guarda das estruturas sociais, e não necessariamente demonstrava arbitrariedade, embora ao encarcerado assim se apresentasse.

A libertinagem podia, também, ser parte constitutiva das relações nobiliárias do Antigo regime. Para os grupos populares e nobres, muitas vezes ela era simplesmente identificada no cotidiano como parte dos desregramentos comuns da vida, constituindo, segundo o entendimento policial, uma infração menor. Nesse caso, a associação da libertinagem à perversão e à depravação já se punha em evidência, principalmente na segunda metade do século XVIII.¹⁸ Contudo, aos estratos nobiliários a libertinagem traduzia-se ainda em uma ética,

¹⁷ Cf. FOUCAULT, M., FARGE, A. (org.). *Le désordre des familles: lettres de cachet des Archives de la Bastille*, p.09-19.

¹⁸ Cf. TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII^e siècle*, p.VIII.

que não apenas resultava em posturas de vida, mas também em práticas de estudo filosófico.¹⁹

Em Sade, essa opção em viver incansavelmente afirmando um *savoir-vivre* libertino e nobiliário pode ser interpretada como uma postura de enfrentamento das transformações vivenciadas pela sociedade francesa e ocidental ao se constituírem por novas formas de sociabilidade comportamentais. Segundo Huet, ao longo do século XVIII, a aristocracia encontrou na libertinagem um contraponto às transformações produzidas nas concepções ética e social. Com Crébillon, Duclos, Louvet e outros, a libertinagem passou a priorizar uma nova forma literária de caráter mais mundano e preso à ficção de costumes. O modelo filosófico de tratados e ensaios tão marcantes à libertinagem do século XVII foi progressivamente abandonado, embora a defesa das liberdades e a crítica à opressão fossem mantidas em pauta no novo formato. O sentido conservador dos valores aristocráticos também ganhou mais ênfase, já que esses romances libertinos paulatinamente assumiram a função pedagógica da defesa de uma ética e moral nobiliária, em oposição aos valores burgueses. Por isso, embora esses romances comportem um desregramento e práticas subversivas ao longo do desenvolvimento da narrativa, o fim tende à restauração, ao casamento e à ordem dos valores morais aristocráticos.²⁰ Para Simone de Beauvoir, essa nostalgia por uma França feudal se traduziu em ponto de partida para a construção de um universo simbólico ancoradouro de uma interpretação da crise das instituições sociais francesas de então.²¹ De todo jeito, perceber em Sade esse caráter libertino

¹⁹ René Pintard, Antoine Adam e Christophe Girerd exploram a sociabilidade libertina como própria aos nobres. Entendemos que com a Revolução, junto com a ideia de uma nobreza corrupta, portanto oligárquica, investiu-se também na construção da associação da libertinagem como corrupção e falsidade. Cf. p.64.

²⁰ Cf. HUET, M.-H. Roman libertin et réaction aristocratique, *Dix-huitième siècle*, nº 6, p.129-142.

²¹ Cf. BEAUVOIR, S. de. *Faut-il brûler Sade?*, p.16 et seq.

como prática intelectual não conduz a um delineamento de suas leituras filosóficas e nem dos diálogos que ele manteve com seus contemporâneos, uma vez que seria necessária uma investigação sobre seu acesso ao mundo livresco e à sua prática de leitura.

2.

Durante sua vida, Donatien de Sade possuiu pelo menos três bibliotecas: uma em seu castelo de La Coste; outra, na Bastilha, onde ficou encarcerado entre 1784 e 1789; e por fim, uma em Charenton, onde viveu seus últimos anos.²² Em La Coste, provavelmente esteve abrigado seu maior acervo. No registro feito aproximadamente em 1769 consta um montante de 430 títulos, e como uma única inscrição servia, às vezes, para indicar alguns volumes da mesma obra ou um agrupamento de livros de vários autores e textos, é possível estabelecer uma contabilidade mínima de títulos, mas não um somatório preciso da biblioteca.²³ Na Bastilha, o acervo chegou a acumular aproximadamente 150 títulos.²⁴ Por fim, em Charenton, Sade manteve uma biblioteca com mais ou menos 250 volumes.²⁵

Embora a existência de determinado título em alguma de biblioteca de Donatien de Sade não signifique necessariamente sua leitura, não é possível desconsiderar esses dados. Uma abordagem preocupada apenas com as referências explícitas a outros autores em seus textos ou uma análise que se detém em

²² Não possuímos inventário do acervo da biblioteca de Sade em Charenton e na falta de dados sistematizados sobre esses livros, optamos por não utilizá-la.

²³ Cf. LABORDE, A. M. *La bibliothèque du Marquis de Sade*.

²⁴ Os dados relacionados à biblioteca de Sade na Bastilha foram coletados a partir dos inventários apresentados por Gilbert Lely e Maurice Lever. Cf. LELY, Gilbert. *Vie du Marquis de Sade*, p.378-379; LEVER, Maurice. *Donatien Alphonse François, Marquis de Sade*, p.727-729.

²⁵ Já os títulos da biblioteca de Charenton foram coletados apenas em Lever, sendo sua natureza assistemática. Cf. Idem. *Ibidem*, p. 601. A partir dos dados disponíveis, demos tratamento crítico aos dados, buscando identificar edição, título completo e autoria, em semelhança ao trabalho feito por Laborde. O resultado desse trabalho foi um a construção de um inventário com os dados dos livros das bibliotecas de La Coste, da Bastilha e de Charenton. Cf. Apêndice I- Inventário das bibliotecas de La Coste (1769), da Bastilha (1784-1789) e de Charenton (1803-1814), p.212-259.

aproximações de ideias segundo modelos de mentalidade²⁶ estaria marcada por um alto risco de produzir hipóteses muito pontuais, que não encontram suporte se confrontadas ao perfil geral dos textos disponíveis ao pensador. Assim, sendo acessíveis os possíveis dados bibliográficos, esses devem ser analisados criticamente, com vistas à produção de um perfil geral.

A classificação dos títulos das bibliotecas de Sade obedeceu aos critérios estabelecidos sócio-historicamente pelo século XVIII. Para Darnton, parte da dificuldade do trabalho do historiador em reconhecer o sistema de classificação dos livros do século XVIII advém da multiplicação de grupos e subgrupos operada por livreiros e censores. Por motivos diferentes, quando não contrários, livreiros e censores estabeleciam nomenclaturas diversas para dar conta das especificidades dos livros e também, no caso dos envolvidos no mercado editorial, para evitar a prisão ou a apreensão da mercadoria ilegal em caso de fiscalização.²⁷

Apesar disso, desde o século XVII houve também uma crescente preocupação em organizar os livros por temas ou assuntos. Para Gabriel Naudé, era essencial que se aperfeiçoasse o ofício de bibliotecário, o que estava relacionado à reflexão sobre os critérios de escolha, classificação e acondicionamento dos livros. Isso fazia do ofício de bibliotecário uma atividade intelectual, uma vez que ela estabelecia-se pela concepção de princípios norteadores à constituição da biblioteca. De forma prática, embora muitos fatores, como a planta do edifício ou o tamanho dos livros, interferissem no processo de organização da biblioteca, a ordem dos títulos deveria obedecer a critérios de facilidade, buscando-se “o menos intrigante, o mais natural e usual”. Isso

²⁶ Há especificidades no uso dos conceitos de espírito do tempo, *ouillage mental*, mentalidade, imaginário etc., porém todos eles apresentam em comum a noção de uma história organizada por continuidades e eixos estruturais de pensamento seja um aspecto comum a todos esses conceitos. Assim, o uso do termo mentalidade atém-se apenas a esse aspecto.

²⁷ Cf. DARNTON, R. Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária, p.22 et seq.

resultava numa atenção às formas socialmente compartilhadas de lidar com o conhecimento, naquele momento organizado segundo as “faculdades de teologia, medicina, jurisprudência, história, filosofia, matemática, humanidades e outras”.²⁸

Em atenção aos princípios já traçados, a Biblioteca Real, no século XVIII, terminou por organizar seus livros segundo cinco categorias: Teologia e Religião; Direito e Jurisprudência; História (eclesiástica e profana); Ciências e Artes; e Belas Artes. O renomado catálogo de Gabriel Martin, feito no começo do século e adotado por diversos livreiros, estabelecia as mesmas categorias, embora invertesse a ordem das nomenclaturas — Teologia e Religião; Direito e Jurisprudência; Ciências e Artes; Belas Artes; e História (eclesiástica e profana) —, num indício de um sistema bibliográfico comum correspondendo ao entendimento geral sobre as matérias.²⁹

Em linhas gerais, a composição do acervo da biblioteca de La Coste não apresentava muitas variações nos índices das três categorias mais significativas: os livros de Ciências e Artes, Belas Artes e História contabilizavam, respectivamente, 174, 157 e 150 títulos, o que representava proporcionalmente 30,69%, 27,69% e 26,46%. Já os livros de Teologia e Religião ocupavam a quarta posição com uma representação de 66 títulos ou 11,64% do acervo. Em contrapartida, a distribuição dos livros presentes no acervo da Bastilha revelou

²⁸ “je croy que le meilleur est tousjours celuy qui est le plus facile, le moins intrigué, le plus naturel, usité, et qui suit les facultez de theologie, medecine, jurisprudence, histoire, philosophie, mathematiques, humanitez, et autres”. NAUDÉ, G. *Advis pour dresser une bibliothèque*, 1627, p.42.

²⁹ Cf. FURET, F. *A oficina da História*, p.152 et seq.; NEVEU, V. La place de la Théologie dans les classifications bibliographiques françaises, *Séminaire ALMA 2008-2009: Les raisons classificatoires*. Para Kant, a *razão* indica a primazia da Faculdade de Teologia sobre a dos Juristas, e desta sobre a Faculdade de Medicina. Já o *instinto natural* determinaria uma ordem inversa: em primeiro lugar estaria a Faculdade de Medicina, uma vez que “o médico seria para o homem o de maior importância, porque lhe conserva a vida”; o jurista estaria em posição intermediária por prometer proteger os bens contingentes dos homens; por fim, o eclesiástico, pois mesmo lidando com beatitude, basicamente assume importância sumária “à beira da morte”. Cf. KANT, I. *O conflito das faculdades*, 1788, p.24. Com isso, parece haver consonância do sistema adotado pela Biblioteca Real e a ordem racional das Faculdades superiores.

discrepância acentuada na participação das categorias. Os títulos relacionados às Belas Artes foram se acumulando ao longo da década de 1780, chegando a representar 60% do acervo. Em seguida apareceram os títulos de História, de Ciências e Artes e só ao fim os de Teologia e Religião representando, respectivamente 15,6%, 9,93% e 3,55% do total.

A análise comparativa dos dados disponíveis das bibliotecas de Sade em La Coste e na Bastilha indica uma mudança considerável no interesse mobilizado para a constituição desses acervos. Se no Castelo de La Coste, a biblioteca contava com uma participação mais equilibrada das principais categorias, numa espécie de indeterminação de um perfil intelectual, na Bastilha, claramente delineia-se o gosto pela ficção, que pode ainda ser percebido em paralelo com a grande produção de Sade nessa década. Já tendo abandonado definitivamente a escritura de *Le voyage d'Italie*, Sade iniciou o projeto de escrita de seu *Portefeuille d'un homme de lettres* (que teve desdobramentos em trabalhos que lhe ocuparam a atenção até a morte) e também escreveu em forma praticamente definitiva *Aline et Valcour*, seu romance claramente filosófico. Assim, essas diferenças poderiam sofrer influência da natureza familiar do acervo de La Coste, mas não reduzir-se a isso. A composição da biblioteca da Bastilha obedeceu a escolhas pessoais de Sade, provavelmente em semelhança ao que havia acontecido em seu encarceramento em Vincennes, quando ele dedicava constantemente algumas linhas de sua correspondência com a esposa para pedir algum livro.³⁰

Mesmo considerando a censura feita aos prisioneiros da Bastilha (nem tão severa

³⁰ Os pedidos de livro feitos à esposa são recorrentes. Apenas como exemplo, citamos dois desses trechos: “Espero com impaciência os quatro volumes dos *Hommes illustres* (“J’attends avec impatience les quatre volumes des *Hommes illustres*” [ref. *Vie des hommes illustres grecs et romains*, de Plutarco]).” — 22.mar.1779; “Agradeço-te *Cérémonies religieuses* (“Je vous remercie *Cérémonies religieuses* [ref. *Histoire générale des cérémonies, mœurs et coutumes religieuses*, dos abades Banier e Le Mascrier]).” — 3.jul.1780. Cf. SADE. *Lettres à sa femme*, p.93 e 162.

quanto o governo revolucionário acentuou, a considerar as análises de Funk-Brentano),³¹ as opções de escolha seriam reduzidas, jamais extinguidas, o que faz desses dados um indicativo ou de uma mudança de interesse ou de um amadurecimento intelectual traduzido na definição de um perfil intelectual mais direcionado a certos gêneros de leitura.

Os textos produzidos por Donatien de Sade nesse período revelam uma diversidade de temas e gêneros: um diálogo à moda socrática intitulado *Le prêtre et le moribonde*, que põe em confronto as noções de prazer em vida e a piedade como segurança de vida no além; uma série de contos e historietas de linguagem popular e tom satírico, com os quais ele objetivava tornar-se o Boccaccio francês; e algumas novelas, como é o caso de *Les infortunes de la vertu*, que a partir da narrativa sobre as irmãs Justine e Juliette apresenta o valor da virtude e da corrupção. Dificilmente, tendo em vista a prática escriturária de Sade, seria possível sustentar que os interesses voltaram-se progressivamente apenas para os temas restritos ao que, no século XVIII, era catalogado sob a inscrição de Belas Artes. Certas tópicas filosóficas foram apresentadas reiteradamente e em variações nesses textos e em alguns outros escritos na década seguinte, tornando insustentável entender a diminuição na quantidade de títulos classificados pela nomenclatura Ciências e Artes-Filosofia signifique um abandono de preocupações dessa natureza. Talvez, nesse caso, recorrer à taxonomia bibliotecária seja um equívoco, uma vez que os sistemas de signos e nomenclaturas concorrem na sociedade em possibilidades de explicação do mundo. Desse modo, ainda que pouco possa ser afirmado sobre a mudança de um perfil intelectual apenas pela análise comparativa dos dados, evidenciamos que a escrita e leitura de Sade

³¹ Cf. FUNCK-BRENTANO, F. *La Bastille des comédiens, Le For l'Évêque*; FUNCK-BRENTANO, F. *Légendes et archives de la Bastille*.

poderiam ser relacionadas segundo o interesse pela ficção, sem dispensar, na prática da escritura, uma inquietação pelas questões metafísicas.

Outro aspecto evidenciado pela análise desses acervos diz respeito à preocupação de Sade, quando esteve encarcerado na Bastilha, em manter-se informado sobre os espetáculos teatrais de Paris, bem como sobre os rumos da vida política e militar da França. Além das informações que ele conseguia com o seu advogado e sua esposa, Sade adquiriu, entre 1784 e 1789, exemplares do *Almanach des spectacles*, do *Almanache royal* e do *Almanach des militaires* e outros, evidenciando com isso uma estratégia (não sabemos se nova) que lhe mantinha atualizado sobre a vida mundana da capital.³²

Os almanaques constituíam um gênero literário popular bastante importante para a organização do tempo e da vida social, na Idade Moderna. Segundo a *Encyclopédie*, embora o conceito de almanaque relacione-se com o tempo profano, em semelhança aos fastos romanos,³³ no século XVI, ele ainda era uma peça profética em uma sociedade que cria na magia. Isso mudaria pelo esclarecimento, sendo este sentido apagado ao longo do século XVIII,³⁴ pelo menos nos almanaques de Paris, os quais paulatinamente introduziram alterações no gênero. O aumento do número de páginas das edições e a diminuição proporcional do espaço dedicado aos dias festivos do calendário religioso e civil e às referências ao zodíaco passou a diferenciar o formato mantido nos almanaques provincianos dos da capital. Além disso, os almanaques parisienses perderam o caráter generalista de abordagem dos temas e direcionaram-se a segmentos

³² Cf. LEVER, M. *Donaltien Alphonse François, marquis de Sade*, p.727-729.

³³ O calendário de Roma Antiga continha dias fastos e nefastos, estando os primeiros relacionados à vida civil ordinária e os segundos, à devoção aos deuses.

³⁴ Cf. ALMANACH (verbetes). In DIDEROT ; D'ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome II, p.198.

específicos de leitores, ora servindo aos livreiros para apresentar as novidades do mercado editorial ou discutir temas científicos ou filosóficos que podiam ser aprofundados em livros, ora apresentando um assunto específico do cenário teatral ou político de Paris, ou quaisquer outros interesses. Embora não abandonassem os vínculos com a cultura popular, principalmente nas seções destinadas ao humor, mas também pelo uso da linguagem fácil e mais próxima à oralidade, os almanaques parisienses evidenciaram-se cada vez mais como uma fonte de consulta sobre assuntos especializados.³⁵

O interesse de Sade por esse tipo de literatura pode, no caso da aquisição dos almanaques sobre teatro, estar relacionado ao gosto que desde o início da juventude ele tinha manifestado pelos espetáculos da cidade. Ao iniciar também uma prática de escritura, Sade apropriou-se cada vez mais da forma dialógica do teatral, explorando-a em novos gêneros, como, por exemplo, no romance *La philosophie dans le boudoir*, publicado em 1795. Assim, o crescimento da participação proporcional dos textos de teatro — em La Coste, esses textos correspondiam a 12,1% da seção Belas Artes, enquanto na Bastilha somavam 20,9% — reforça a ideia de um processo crescente de aprendizagem e interesse por esse gênero.

Já a atenção de Sade pela vida política e militar, conforme evidenciada pela aquisição de almanaques nos anos de 1784 e 1876, não encontra dados semelhantes em período anterior ou posterior, e por isso, pouco se pode dizer sobre esse interesse. De alguma maneira, estariam relacionados aos esforços de participar da vida aristocrática, mesmo que apenas inteirando-se das notícias, assim como podiam servir ainda para o estudo dos tipos sociais que tanto

³⁵ Cf. SARRAZIN-CANI, V. Formes et usages du calendrier dans les almanachs parisiens au XVIII^e siècle, *Bibliothèque de l'école de Chartes*, p.417-446.

interessavam a Donatien de Sade. Uma vez que a história foi apresentada por Sade, desde os primeiros escritos, como uma repetição de eventos, crimes e virtudes, como uma monotonia eterna, reveladora de que “os homens são e serão sempre aquilo que foram”,³⁶ esses almanaques poderiam ajudá-lo a pensar por similitude as relações entre o passado e os eventos de sua contemporaneidade. A compreensão desses textos extrapolaria, portanto, a simples referência às notícias ordinárias da vida política e militar, para servir ao pensador como forma de observar o mundo e, daí, compor os princípios teóricos a serem desenvolvidos em narrativas e anedotas.

Um terceiro aspecto geral que a análise das bibliotecas de Donatien de Sade permite visualizar está relacionado à diminuição de títulos de certas disciplinas que, paradoxalmente, aparecem representadas com certa recorrência em seus textos. Embora somente na biblioteca de La Coste os livros de Direito e Jurisprudência tenham representação, e, ainda que proporcionalmente insignificante (menos de um por cento), em Sade os temas das leis, da propriedade, da pena de morte e outros não estão ausentes. De igual maneira, a queda da participação dos livros de Teologia e Religião em um terço, entre 1769 e 1789, não corresponde ao abandono das preocupações do pensador com a temática do sentido da vida (terrena e no além) e da existência do deus cristão (ou de qualquer outro).

Embora não haja necessariamente uma relação diretamente condicionada entre as bibliotecas físicas e os textos escritos por Sade, novamente trata-se de explicar os sentidos inversamente proporcionais entre a abordagem de

³⁶ “En en méditant l’histoire, on y voit toujours les mêmes événements se répéter, les mêmes crimes, les mêmes vertus, la destruction des uns, l’élévation des autres. Cette monotonie sera éternelle, et à fort peu de chose près, les hommes sont et seront toujours ce qu’ils ont été”. SADE. *Voyage d’Italie...*, 1775-1779, p.97.

determinados assuntos nos textos de Sade e sua correspondência em títulos que os representem. Nesse sentido, deter-se um pouco na escritura de Donatien de Sade é necessário, uma vez que o questionamento da concepção taxonômica adotada no século XVIII parece inconsistente diante dessa relação, embora, na verdade, o problema resulte da opacidade ou insuficiência dessas nomenclaturas, quando referenciadas em nossa sociedade. Dito de outra maneira, embora haja uma perda irrecuperável nas práticas sociais e os sentidos que encontramos sejam de aproximação, a dificuldade nesse caso relaciona-se à necessidade de entender o significado dos temas e dos sentidos sociais dessa distribuição taxonômica no século XVIII.

A apresentação de um exemplo de tema discutido por Donatien de Sade ajuda-nos a perceber alguns desses elementos da taxonomia. Um trecho dos manuscritos de *Le Voyage d'Italie*, escrito entre 1775 e 1779, apresenta uma carta endereçada à Madame la comtesse de... contendo uma descrição do vilarejo montanhês chamado Fouillouse, localizado próximo a La Saulce. Segundo o remetente, nesse lugar os montanheses vivem isolados, “sem ter a quem recorrer”. Possuem um cônsul e à “maneira de uma pequena república” mostram aos moradores da planície o melhor exemplo de sociedade. Lembrando a “idade de ouro”, os homens dali “conhecem pouco de leis e desconhecem o crime”; revelam um egoísmo, essa “primeira e talvez única lei da Natureza, a partir desse isolamento, o que resulta numa garantia de alguma felicidade.”³⁷

Nesse caso, embora se possa pensar no conceito de república de Sade, também abordado em *La philosophie dans le boudoir*, de 1795, o que desponta é menos uma apresentação da dinâmica concreta de determinada organização

³⁷ Cf. SADE. *Voyage d'Italie...*, 1775-1779, p.48.

política ou jurídica. Caberia nesse trecho a mesma crítica apontada por Lefort quando percebe no livro de 1795 uma “ambição teórica e política” que dispensa a tradição republicana. Nesse sentido, ainda que o debate político seja mantido, discutindo o tema da corrupção, da violência, das liberdades, da polícia, Sade abandona as regras da prática filosófica, ao submeter “os grandes temas da filosofia (...) ao ponto de vista da alcova”.³⁸

A paixão desperta, em Sade, para o debate jurídico, na medida em que o princípio vira norte para a apresentação da ideia. Como lia Le Chevalier no panfleto *Français, encore un effort se vous voulez êtres républicains*, “Não adquirimos o direito de dizer tudo? Desenvolvamos aos homens as grandes verdades: eles as esperam de nós, é o tempo do desaparecimento do erro”, especificamente aquele que estabelecia aos homens a afirmativa de que “o assassinato é um crime aos olhos da natureza”.³⁹ Porém, como afirma Kant, há uma peculiaridade que delimita racionalmente o limite e a competência de cada disciplina. “O jurista erudito não busca as leis que garantem o *meu* e o *teu* (se, como deve, proceder como funcionário do governo) na sua razão”, pois o que lhe interessa é o “código oficialmente promulgado e sancionado pela autoridade suprema”. A competência disciplinar pela “*verdade* de certas doutrinas” não é da competência das Faculdade Superiores — Teologia, Direito e Medicina —, e sim da Faculdade (inferior) filosófica, a qual cabe “reinvindicar todas as disciplinas para submeter a exame” de verdade.⁴⁰

³⁸ LEFORT, Claude. Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper. In NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*, p. 251 passim.

³⁹ “N’avons-nous pas acquis le droit de tout dire? Développons aux hommes de grandes verités : ils les attendent de nous ; il est temps que l’erreur disparaisse (...). Le meurtre est-il un crime aux yeux de la nature ? (...) Si l’éternité des êtres est impossible à la nature, leur destruction devient une de ses lois”. SADE. *La philosophie dans le boudoir*, 1795, p.237 passim.

⁴⁰ KANT, I. *O conflito das faculdades*, 1788, p.27 passim.

Não se trata, portanto, de operar confusamente o sistema geral de taxonomia disciplinar do século XVIII e dizer que, às vezes, Teologia e Religião ou Direito e Jurisprudência equivale à categoria Ciência e Artes em seu subgrupo Filosofia ou Política. O sentido, como afirmou Kant, era preciso, estabelecido racionalmente em obediência mínima à empiria do mundo. Se os romances, o teatro e a filosofia, principalmente em sua vertente libertina, constituíam um ancoradouro para a crítica, o mesmo não se fazia institucionalmente nas Faculdades de Teologia, Direito e Medicina, uma vez que nem cabia dúvida ao eclesiástico sobre a existência, poder e cuidado de Deus, nem questionamento da lei pelo advogado ou juiz (no exercício de sua profissão) e muito menos, ao médico o desvio das prescrições medicinais que a comissão superior da saúde haviam-lhe dado para officiar sua arte. O resultado é que, se os títulos diminuíram, a abordagem crítica, tão evidenciada em outras disposições das leituras de Sade, cresceu, em consonância com seu interesse por submeter os temas da sociedade à razão crítica.

Por fim, o último apontamento geral sobre as bibliotecas discrimina que em ambos os acervos predominam os livros originalmente escritos em francês (60,24% dos títulos classificados), embora não estejam ausentes as traduções do latim e do grego (5,77%), do inglês (7,13%), do italiano (2,88%). As traduções de outros idiomas que foram identificadas não correspondem nem a 1% do volume total do acervo. A diversidade de proveniência dessa parcela é curiosa, por não se restringir apenas às línguas européias (alemão, espanhol, holandês e sueco). Há ainda livros traduzidos do turco, do árabe e até uma indicação do indiano.

Também é possível encontrar algumas informações sobre a existência de dicionários e gramáticas de italiano, provavelmente utilizados por Sade na década

de 1770, quando ele fugiu para a Itália por duas vezes e se dedicou a escrever um livro sobre a península. Salvo as *Observations de Ménage sur la langue française, dictionnaire étymologique*, de Gilles Ménage, os outros poucos exemplares de dicionário de línguas e gramáticas referem-se ao italiano — *Dictionnaire d'Italie ; Dictionnaire français et italien* (dois exemplares, sendo um de 1626); *Grammaire italienne*, de Jean Vigneron — num indício de que Donatien de Sade estava praticamente restrito à leitura em francês e provavelmente fez muito poucos investimentos na aprendizagem de outras línguas.

Se o predomínio de livros traduzidos demonstra uma afinidade de Sade com a “era dos tradutores” que, segundo Daniel Roche, fez sucessão ao mundo dos latinistas, a falta de domínio de outras línguas e a pouca preocupação com os estudos das formas eruditas do francês destoam dos esforços geralmente presentes nos eruditos e acadêmicos do século XVIII. Num momento em que as línguas clássicas eram abandonadas e as vulgares incentivadas como veículo de unificação nacional ou, no meio científico, substituídas pelo francês culto, tido como um idioma franco, a forma como Donatien de Sade relacionava-se com os estudos de idiomas serve de indício inicial das divergências dele com os interesses compartilhados socialmente pelos círculos acadêmicos e eruditos.⁴¹

Por sua vez, a leitura de alguns textos de sua autoria, principalmente os que compõem o *Portefeuille d'un homme de lettres*, revela uma prática de escritura marcadamente oral e, até certo ponto, contrária aos ditames desses círculos. Frente a uma elite francesa que afirmava nova centralidade e buscava

⁴¹ Cf. ROCHE, D. savant et sa bibliothèque au XVIIIe siècle, *Dix-huitième siècle*, p.70 et seq. A indisponibilidade de dados relacionados a intelectuais relacionados às artes dramáticas ou com outros interesses inviabilizam outras comparações.

compor uma unidade cultural pela língua⁴², a ênfase de Sade recaía sobre os aspectos linguísticos e anedóticos de uma França fragmentada culturalmente. Anedotas populares eram tomadas como motivo de contos, como é no caso de *La saillie gasconne*, em que uma suposta promessa de Luís XIV leva um oficial gascão à Corte para reivindicar sua gratificação de 150 pistolas. Segundo o conto, o Ministro Colbert recebe o oficial e convida-o para um jantar antes de entregá-lhe a gratificação devida. Ao fim da refeição, entrega ao gascão o montante de 100 pistolas, com a desculpa de as 50 faltantes servirem como pagamento pelo jantar. O oficial, contudo, reclamou que aquela refeição não lhe custaria 20 soldos, ao que foi replicado de que, com esse valor, ele também não teria jantado com o ministro. Prontamente, o gascão respondeu que guardasse o dinheiro, pois voltaria no dia seguinte com um amigo e quitaria por fim seu saldo. Tomando, assim, como motivo do conto o trocadilho popular *gasconnade* e *fanfarronade* (em português, fanfarronice ou fanfarrice), Sade brincou com os preconceitos, as galhofas populares e terminou o conto afirmando que Colbert acrescentou 50 pistolas à gratificação pela espirtuosidade do oficial, numa demonstração de divertimento diante do humor gascão: sinonímia de ironia, atrevimento e habilidade piadista.⁴³ Como em tantos textos de Donatien de Sade, a ambiguidade entre o que é permitido e condenado, risível ou dramático, ironia, simples deboche e crítica é mantida, numa estratégia de apresentação do tema que não necessariamente está implicada em homogeneizar os traços da cultura francesa.

Além disso, os temas filosóficos assumiam em Sade uma coloração provençal, mesmo quando, segundo Jean Deprun, usava trechos de Fréret, de

⁴² Cf. DE CERTEAU, M., JULIA, D., REVEL, J. *Une politique de la langue: la Révolution Française et les patois: l'enquête de Grégoire*.

⁴³ Cf. SADE. *La saillie gasconne*. In *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome 12, p.21-22.

Voltaire, do Barão d’Holbach e outros, em versão resumida ou dramatizada.⁴⁴ Pode-se até pensar essa escritura comprometida com a linguagem falada como uma forma de aproximação de diversas camadas de leitores, embora o que nos pareça mais plausível seja o comprometimento intelectual em discutir a França em sua pluralidade e, principalmente, em sua história.

Essa disposição específica de Sade no trato com a língua e a cultura francesas serve, ainda, para discutir os equívocos das análises que o vinculam à literatura gótica à moda dos livros de Ann Radcliffe, de quem ele destacou a “brilhante imaginação”.⁴⁵ Se, por um lado, a relação de Donatien de Sade com a cultura oral provençal não é suficiente para sustentar um caráter nativista em sua escritura, por outro, o argumento sobre a inspiração obtida por Sade na literatura inglesa não encontra fundamento nem na análise da composição de suas bibliotecas, nem na correspondência entre as traduções feitas na década de 1790 e o momento em que Sade escreveu as novelas que compõem *Les crimes de l’amour* ou os livros sobre Justine.

Em contrapartida, as bibliotecas de Donatien de Sade revelam um interesse constante por romances, principalmente os franceses. De igual maneira, o interesse pelos livros de história mantém semelhante proporção, predominando os relacionados à França e as regiões da Europa em período do fim da Idade Média e início da Idade Moderna (séculos XIII ao XVII), como é o caso de *Histoire des flagellants*, de Jacques Boileau, de *Mémoires pour servir à l’histoire de Pétrarque*, do abade Jacques François de Sade (tio de Donatien de Sade) e de *Anecdotes de la cour de Dom Juan, roi de Navarre*, do abade Louis-Nicolas

⁴⁴ Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d’Holbach. In KRAUSS, W., POMPEAU, R., GARAUDY, R. et al. *Roman et Lumières au XVIII^e siècle*, p.331-340.

⁴⁵ Sade fez poucas referências aos autores ingleses em seu ensaio sobre o romance. Fora Ann Radcliffe, fez referência a Samuel Richard (1698-1761) e Henry Fielding (1707-1754). Cf. SADE. *Les crimes de l’amour*, 1800, p.38-39.

Gueroult. Apesar da variação na quantidade dos livros nas bibliotecas de La Coste e da Bastilha, há estabilidade na representação proporcional dessa categoria, uma vez que os dados relacionados ao subgrupo “história eclesiástica e história profana” variam de 90,7% para 86,4%, e os do subgrupo “geografia, viagens e cartografia”, de 9,3% para 13,6%.

3.

O estudo das bibliotecas que Donatien de Sade possuiu permite traçar um perfil geral de seus interesses, porém informa pouco sobre as formas como ele leu os textos ou, no conjunto do acervo, quais efetivamente foram os títulos lidos ou, ainda, qual o impacto de certas leituras para o processo de construção de suas ideias. Uma análise que contemple as leituras que Sade fez de certos autores e temas é necessária para que sejam percebidas as relações entre o seu pensamento e os debates recorrentes no século XVIII. Orquestrar essas relações é, entretanto, operação complexa. Segundo Jean Leduc, isso decorre, primeiramente, das variações particulares intrínsecas ao pensamento de Sade ao apresentar-se em ausência de unidade entre os diversos conceitos, o que resulta na constituição de uma filosofia assistemática. Em segundo lugar, da dificuldade apresentada por textos marcados por contradições e movimentos proporcionados por diálogos e variações de opiniões das personagens dos romances do pensador. Por fim, resulta ainda dos vínculos que Sade estabeleceu com o movimento de oposição à ortodoxia que representava o espírito filosófico do século XVIII, ou da

diversidade de ideias deste movimento ao constituir um *corpus* que pertence a todos e a ninguém, numa indeterminação de paternidade.⁴⁶

A falta de sistematicidade e a multiplicidade de pontos de vista na apresentação das ideias de Donatien de Sade constituem características intrínsecas ao seu pensamento. A busca por identificar as relações entre os conceitos e traçar uma genealogia desse pensamento devem respeitar essa complexidade. Nesse sentido, são equivocadas as soluções apontadas por Jean Leduc em dividir os textos de Donatien de Sade em fases, para construir eixos explicativos sistemáticos e pautados em classificações estéreis, o que daria origem a um Sade romântico ou um Sade revolucionário ou ainda um Sade libertário (também associado ao feminismo). Igualmente errôneo são as interpretações que elegem as falas de certos personagens de seu texto como representantes de uma afirmação do pensador sobre determinado conceito ou ponto de vista.⁴⁷ O traço formal de uma escritura contraditória, assistemática e, conforme tanto ressalta a crítica, monótona nem é eventual em Sade e nem resulta de sua incapacidade de ser um bom contador de histórias. Pelo contrário, constitui parte essencial da composição de seu pensamento.⁴⁸

Já a defesa de um pensamento iluminista ortodoxo, ao qual Donatien de Sade opunha-se, ao estabelecer vínculos de leitura com uma filosofia ilustrada heterodoxa, requer cuidadosa avaliação. Uma vez que o recrudescimento das discussões sobre o conceito de Iluminismo tem apontado para novos horizontes conceituais e novas perspectivas para avaliar o século XVIII, faz-se necessário repensar a cartografia das relações do pensamento desse século e, especialmente,

⁴⁶ Cf. LEDUC, Jean. Les sources de l'athéisme et l'immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.09-10.

⁴⁷ Cf. Idem. Ibidem p.09.

⁴⁸ A discussão sobre a forma do texto em sua relação com o conteúdo constitui o tema do capítulo seguinte.

as implicações dessa disposição para a compreensão dinâmica dos vínculos de Sade com os demais filósofos.

A resposta de Kant ao jornal *Berlinische Monatsschrift* sobre o que ele entendia ser Iluminismo (*Aufklärung*), publicada em 5 de dezembro de 1783, sugere uma problemática inicial de investigação. O conceito de Esclarecimento (*Aufklärung*), para o filósofo, dirige-se ao homem para responsabilizá-lo por seu estado de menoridade e, também, para convocá-lo a ter coragem para usar seu próprio entendimento e sair de seu estado.⁴⁹ Nesse sentido, delinea-se o sentido processual inerente ao tema: primeiramente porque a ideia de “partida” indica que essa condição de minoridade somente pode ser superada por meio de novo direcionamento da vontade; em segundo lugar, o *Sapere aude!* (em português Ouse saber!) é um imperativo ambigualmente dirigido ao indivíduo e à humanidade, o que faz do Esclarecimento um projeto de vontade indivíduo na construção de sua autonomia e da humanidade, como forma de produção de uma nova sociedade.

Para Foucault, ao definir o Esclarecimento negativamente, ou seja, por aquilo que não é esclarecimento, Kant operou um deslocamento dentro da tradição historiográfica. Esquemáticamente, a reflexão sobre o presente apresentava-se, até Kant, ou como uma investigação sobre certa etapa da história do mundo, distinta de outras por certas características, ou uma decifração dos signos anunciadores de um evento próximo a acontecer ou, ainda, como um ponto de transição para o amanhecer de um novo mundo. Com Kant, a fricção da ação em nova vontade

⁴⁹ Cf. KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (*“Aufklärung”*) 5 de dezembro de 1783. In *Textos seletos*, p.100.

com o presente está puramente presa à atualidade do sujeito e da humanidade em sua existência política e social.⁵⁰

Em virtude do entendimento dessa natureza processual, histórica e social do Esclarecimento, Kant detem-se sobre a razão em seu uso público e privado. Caso o tema tivesse apenas um sentido subjetivo, caberia pensar a articulação da razão e da vontade numa dinâmica interna, dada pela coragem que se manifesta no íntimo do homem em libertar-se. Porém, sendo também cabível pensar o tema em sua relação com a humanidade, esses conceitos de razão e vontade foram orquestrados com a noção de liberdade em seu uso público, ou seja, aquele uso que qualquer homem, enquanto sábio, faz da razão diante do grande público do mundo letrado. Em oposição ao uso da razão privado, aquele que se dá como funcionário do Estado e ao qual cabe obediência, a liberdade dos homens nos sistemas políticos ganhou em Kant uma defesa sumária dada pelo lema “*raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas *obedecei!*”.⁵¹ O resultado é o entendimento de uma fratura a ser operada nos homens (como sujeitos), que, cindidos em duas esferas, deveriam opinar por si em quaisquer assuntos que fossem resultado da convocação do servidor do Estado.

Essa distribuição da razão em esferas pública e privada, conforme acordada no século XVI pelo absolutismo, se por um lado, permitiu a pacificação do reino, por outro, intrínseca e contraditoriamente, gerou as condições de emergência da opinião pública e do questionamento do poder político absolutista. O Iluminismo, por essa interpretação, termina por ser um produto dessa cartografia dinâmica do poder do Antigo Regime. Se o pensamento livre está localizado no mundo dos salões, o sentido de ordenação do espaço do poder

⁵⁰ Cf. FOUCAULT, M. Qu'est-ce que les Lumières?. In *Dits et écrits, 1954-1988*, p.1382 et seq.

⁵¹ KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (“*Aufklärung*”) 5 de dezembro de 1783. In *Textos seletos*, p.104.

convoca-lhe à obediência ao Rei quando a tópica não é mais de opinião, mas de caráter político. Nesse caso, pelo menos até 1793, na França, não haveria possibilidade de desobedecer sem violar o ordenamento divinamente estabelecido.⁵²

Para Paul Hazard, a dinâmica de transformações da consciência resultou, nas duas últimas décadas do século XVII, num espírito de desrespeito, e, desde o começo do século XVIII, no avanço da ironia.⁵³ O resultado foi uma crescente operação de instituir a natureza como guia seguro e ordenador da consciência, inclusive em assuntos religiosos, uma vez que ela seria compreendida por meio de um princípio sistemático e racional. Em linhas gerais, o universo, no século XVIII, foi entendido a partir de duas imagens concorrentes. Segundo os deístas, o mundo poderia ser visto como um relógio sem relojoeiro, já que leis rígidas e harmoniosas dispensavam o criador, esse relojoeiro, de intervir em sua criação. Já para os ateístas, o mundo havia sido feito e iniciado seu movimento por uma ação produzida em si mesmo. Daí também se dispensaria uma intervenção externa, muito embora o princípio de origem espontânea padecesse de maiores críticas do que essa ideia de equiparar a divindade cristã à Natureza. Em ambos os casos, a ética ilustrada estaria pautada pela noção do “egoísmo altruísta”. No caso do deísmo, esse Grande Arquiteto/Relojoeiro seria uma duplicação de um deus que distribui suas benesses e vinganças conforme o mérito e, segundo a visão dos ateus (se é que não apenas esquematicamente podemos operar essas duas generalizações), o interesse bem compreendido terminaria por orientar a moral

⁵² Cf. KOSELLECK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*.

⁵³ “Le dix-septième siècle avait fini dans l’irrespect, le dix-huitième commença dans l’ironie.” Cf. HAZARD, P.

terrena, ancorada apenas no quadro e norma humanamente estabelecida pela vida.⁵⁴

A interpretação hegemônica do Iluminismo (ou Iluminismos, como vem sendo feitas as afirmativas nas novas interpretações⁵⁵) comporta a ideia de uma crise explicitada de forma crescente por volta de 1680. A partir desse período, haveria de se observar uma ruptura e a emergência crescente do confronto entre a lógica dedutiva de Descartes e o espírito experimental de Locke e Hobbes, ou ainda no confronto da unidade cartesiana com a multiplicidade proposta por Leibniz como explicação do mundo.⁵⁶ Estabeleceu-se também uma progressiva crença na razão. Paradoxalmente, esse ponto de debate comum foi, por um lado, objeto de disputas filosóficas quanto ao sentido, muito embora, por outro, a *razão* fosse compreendida como “una e idêntica para todo o indivíduo pensante, para toda a nação, toda a época, toda a cultura”.⁵⁷

Na contramão, dessa interpretação, afirma-se uma tese que reivindica o engendramento da crise e a emergência do pensamento de autonomia do sujeito pela razão segundo uma vertente de pensamento radical. O argumento central dessa vertente interpretativa atribui a Spinoza a constituição de um pensamento que, recepcionado de diversas maneiras, teria impactado os sistemas filosóficos de meados do século XVII, permitindo a emergência de um Pré-Iluminismo, numa espécie de antecâmara da crítica.

⁵⁴ Cf. DEPRUN, J. Sade et le rationalisme des Lumières, *Raison présente*, p.18 et seq.; HAZARD, P. *La pensée européenne au XVIII^e siècle*, p.117 et seq.

⁵⁵ Segundo Lilti, parece haver consenso historiográfico na pergunta “quais Iluminismos?”, num indicativo de que haveria uma multiplicidade de aproximações e um desencorajamento em interpretações de conjunto. Cf. LILTI, A. Comment écrit-on l’histoire intellectuelle des Lumières? Spinozisme, radicalisme et philosophie, *Annales HSS*, p.171-172.

⁵⁶ No caso acima, operamos com uma síntese entre Hazard e Cassirer, na medida em que ambos terminam por prever uma continuidade entre os séculos XVII e XVIII. Cf. CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*, p.43 et seq.; HAZARD, P. *La crise de la conscience européenne*

⁵⁷ Cf. CASSIRER, E. op. cit., p.23 passim.

Em divergência com o Iluminismo moderado e emancipatório, o que se enfatiza nas análises de Jonathan Israel é o pensamento materialista e democrático. O processo de racionalização e secularização teria se expandido principalmente sob a influência de Spinoza em vertentes deísta e ateia, segundo pode ser atestado pelos verbetes do *Dictionnaire historique et critique*, de Bayle, do *Grosses Universal Lexicon*, de Zedler, e da *Encyclopédie*, de Diderot e d'Alembert.⁵⁸

Em que pesem as novas discussões sobre do tema do Iluminismo (*Aufklärung*) e as possibilidades interpretativas que parecem despontar desse debate, dois pontos de vista clássicos prendem ainda nossa atenção. O primeiro, defendido por Jean Deprun, estabelece que a ausência de eixo central unificador do pensamento do século XVIII deve ser vista em concomitância com uma motivação filosófica marcada pela inquietude, inscrita como parte da organização do homem (ou de sua estrutura psicofísica). Seu argumento, delineado desde o começo da tese, baseia-se na ideia de que o Iluminismo compôs-se como uma tendência — não uma teoria coerente e homogênea — centrada, por um lado e a princípio, numa inquietude de matriz religiosa, e, por outro, na pelo monopólio genético da inquietude, ou seja, essa análise racional em bases filosóficas e científicas da insatisfação. Desse modo, se é possível afirmar alguma unidade das Luzes, essa seria de atitude e linguagem.⁵⁹

Já o segundo aspecto é apresentado por Michel Foucault ao comentar o texto de Kant sobre o Iluminismo, publicado num jornal berlinense em 1783. Seu argumento enfatiza a impossibilidade de uma posição a favor ou contra as Luzes, uma vez que o Esclarecimento (*Aufklärung*) manifestou como um tipo de

⁵⁸ Cf. ISRAEL, J. *Iluminismo radical*.

⁵⁹ Cf. DEPRUN, J. *La philosophie de l'inquiétude*, p.11 et seq.

interrogação filosófica, um *ethos*, e não como um debate de conteúdo ou tema. A clareza da resposta de Kant foi emblemática. O Iluminismo foi engendrado ao longo do século XVIII como “uma certa maneira de filosofar” e não como um conteúdo a ser pensado. Além disso, ao apresentar-se como uma ética concomitantemente social e subjetiva que emergiu num determinado momento complexo da história, o Iluminismo terminou por se apresentar como uma reflexão sobre o presente em sua face dinâmica. Em consequência disso, escapou a quaisquer definições próprias ao humanismo, uma vez que este conceito está vinculado a concepções científicas, políticas e religiosas que contemplam o homem em um sentido abstrato. Positivamente, esse *ethos* pode ser caracterizado tanto por uma atitude limitada por enfrentar a contingência da vida, quanto por uma prática experimental que se traduz numa filosofia crítica dos homens em relação a si mesmos. Por fim, ela se apresenta intrinsecamente marcada pela renúncia da completude, não esperando mesmo alcançar qualquer conhecimento completo e definitivo daquilo que constitui o horizonte histórico.⁶⁰

O resultado desses apontamentos sobre o Iluminismo conduz, então, a um estudo de leituras e relações presentes nos textos de Donatien de Sade que desconsidera os autores segundo critérios de ortodoxia e heterodoxia. O ponto central da investigação volta-se para a leitura e a escritura praticada pelo pensador descentrada, também, em conteúdos específicos, mas atenta a uma antropologia. A cartografia das leituras operadas por ele poderia, assim, ser resumidamente apresentada em dois eixos: uma ancoragem de leitura de filósofos materialistas, como o Barão d’Holbach, La Mettrie, Hélivétius e outros, e textos libertinos à

⁶⁰ Cf. FOUCAULT, M. Qu’est-ce que les Lumières?. In *Dits et écrits, 1954-1988*, p.1390 et seq.

moda de *Thèrese philosophe*; outra mais voltada para o debate sobre a natureza humana, conforme delineada principalmente por Hobbes e Rousseau.

A influência dos filósofos materialistas é essencial para a composição de uma visão de mundo atea e sensualista. Sade teria percebido pela leitura do Barão d’Holbach, de Hélivétius e de La Mettrie que o homem reduz-se ao corpo ou, segundo a formulação de Hélivétius, que “tudo se reduz a sentir” — sinto, logo julgo, ou viceversa.⁶¹ Também teria entendido que, escravizado pela natureza em suas leis rígidas, o homem deve investigá-las e submeter-se aos instintos como único caminho possível à realização da felicidade. O resultado seria, como ressaltam La Mettrie e Hélivétius, a composição de antropologia baseada no elogio da força e na realização dos prazeres.⁶²

Além das referências clássicas a textos como *Système de la nature* (1771) ou *L’esprit* (1758), respectivamente de autoria de d’Holbach e Hélivétius, Jean Deprun identifica o pensamento do abade Nicolas-Sylvestre Bergier como outra influência marcante para a constituição complexa do materialismo de Donatien de Sade. Uma comparação entre as proposições de Bergier e Sade revelam semelhanças marcantes. Ambos defendiam, em contradição aos parâmetros gerais da compreensão do corpo apresentada por Buffon, o uso intenso das paixões pelo corpo, sem algum questionamento de que a máquina pudesse se esgotar. Em ruptura com uma sociedade que buscava delinear as formas de relação contratual para garantia da sociedade na manutenção do bem comum, afirmavam a solidão como elemento intrínseco ao homem, uma vez que ele foi criado pela Natureza

⁶¹ Cf. HÉLVÉTIUS, C.-A. Do espírito, 1758. In *Textos escolhidos: Condillac, Hélivétius, Degerando*, p.177.

⁶² Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d’Holbach (p.331-340). In KRAUSS, W. et al. *Roman et Lumières au XVIII^e siècle*, p.331-340; DEPRUN, J. Sade et le rationalisme des Lumières, *Raison présente*, p.17-29; LEDUC, J. Les sources de l’athéisme et l’immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.07-66.

para ser eticamente egoísta. Por fim, ao negar qualquer personalidade à Natureza, compreendida apenas como força, Sade e Bergier terminaram por questionar quaisquer atribuições de características antropomórficas a ela. Dito de outra maneira, nem em Sade nem em Bergier existe uma Natureza com vontades boas ou más, sendo ela apenas uma orquestração de forças.⁶³

Um balanço dessa leitura que Donatien de Sade fez dessa vertente filosófica materialista permite identificar, mesmo que de maneira não necessariamente coerente, as fontes de inspiração para as questões sobre a visão de mundo de Sade, naquilo que Jean Deprun nomeou de “materialismo elétrico”. Esse conceito resultava da conjugação da ideia de um universo suficiente em si mesmo, sendo sua própria causa, com a concepção de que a vida tem princípio dinâmico e elétrico.

A especificidade da leitura que Sade teria feito dos filósofos materialistas aparece quando essa concepção materialista elétrica desdobra-se em conceitos éticos. A ética defendida por Donatien de Sade é acentuadamente incompatível com os argumentos de bem comum presente na filosofia materialista do Barão d’Holbach, La Mettrie e Hélivétius, pois o que lhe importa é a percepção do egoísmo da natureza humana, que se traduz em subjugar o mundo e os homens (reduzidos à condição de objeto e, por isso, podendo ser vistos como parte do mundo) aos seus interesses.

Nessa referência, o debate de Sade poderia ser aproximado das concepções produzidas por Hobbes, uma vez que sua percepção da condição pré-política considera os homens segundo uma condição de guerra potencial. Prestes a se unir por meio de um pacto político, os homens encontravam-se em isolamento,

⁶³ Cf. DEPRUN, J. Sade et l’abbé Bergier, *Raison présente*, p.05-11.

defendendo-se uns dos outros e dos inimigos em comum.⁶⁴ A dificuldade, contudo, não é identificar a semelhança de abordagem entre a tópica da natureza humana e da orientação ética egoísta do homem segundo Sade e Hobbes. O problema, para Leduc, está relacionado aos indícios seguros de que Sade tenha lido Hobbes e enfatizado nessa leitura a concepção de uma natureza humana eticamente egoísta. Mesmo que o nome desse filósofo inglês seja citado em *La nouvelle Justine* — inclusive equacionando-o a Montesquieu (às vezes também relacionado com Hélivétius, no sentido da coragem em defender a verdade) — e haja referência ao *De la nature humaine* e ao *Eléments philosophiques du citoyen* na biblioteca que Sade possuiu em La Coste, não há como definir se essas reflexões derivariam da leitura desses livros ou outros textos de Hobbes ou, ainda, da recepção que os materialistas franceses fizeram dele.⁶⁵

Se essa questão fica inconclusa, a relação de Sade como leitor de Rousseau pode assumir um grau de certeza maior, mesmo que delineada negativamente. Mesmo considerando a ausência de livros de Rousseau na biblioteca de Sade durante seu encarceramento na Bastilha, o argumento montado por Sade em *Les infortunes de la vertu* e nos desdobramentos dessa narrativa sobre Justine e Juliette armou-se em direção contrária aos conceitos de Rousseau. Justine é o avesso de Julie, essa nova Heloísa francesa. A uma ética pautada no desejo de restabelecimento da natureza (mesmo que numa dimensão mais pura que a natural), conforme apresentada por Rousseau, Sade teria contraposto os conflitos e perversões humanas enfrentados por Justine em sua jornada.

Desse uma forma resumida, independente das formas de contato com Hobbes e mais seguros da referência a Rousseau, o que a crítica toma como certo

⁶⁴ Cf. HOBBS, T. *Os elementos da lei natural e política*, p.106.

⁶⁵ Cf. LEDUC, J. Les sources de l'athéisme et l'immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.47-48.

é que Sade inseriu-se no debate e investigação sobre a natureza humana atento aos conflitos entre as concepções de um homem bom ou egoisticamente dirigido.